

ARTIGO

**O ENCONTRO DE ANNA HALPRIN E A GESTALT-TERAPIA: FRAGMENTOS DA
DANÇA MODERNA ADVINDA DO “PROCESSO VIDA-ARTE”**

**THE MEETING OF ANNA HALPRIN AND GESTALT THERAPY: FRAGMENTS OF
MODERN DANCE COMING FROM THE 'LIFE-ART PROCESS'**

Jose Ricardo de Sousa Santana

RESUMO

Este ensaio teórico-reflexivo investiga o encontro histórico entre Anna Halprin e Fritz Perls, explorando os desdobramentos desse diálogo entre a dança moderna contemporânea e a Gestalt-terapia. A pesquisa caracteriza-se como um ensaio teórico-reflexivo de base fenomenológica, fundamentado em uma análise histórico-documental. O corpus de análise compreende bibliografias fundamentais de Anna Halprin e Fritz Perls, além de registros biográficos e documentos que detalham a colaboração entre ambos na Califórnia. Este exercício cartográfico que priorizou a hermenêutica das fontes primárias e secundárias, buscando os sentidos dos encontros ocorridos no Instituto Esalen e no deck de dança de Kentfield fundamentados na fenomenologia e nos princípios da teoria do self, analisa-se como as práticas corporais e performativas de Halprin contribuíram para expandir os horizontes terapêuticos da Gestalt-terapia. Ressalta-se também a influência estética de Laura Perls como matriz sensível da abordagem, ainda que indiretamente presente na colaboração entre Halprin e Fritz. A pesquisa evidencia que o corpo, na sua dimensão estética e espontânea, pode ser campo de cura, criação e transformação subjetiva, reforçando a articulação entre arte, clínica e política dos afetos.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Dança contemporânea. Anna Halprin. Fritz Perls. Corpo e estética.

ABSTRACT

This theoretical-reflexive essay investigates the historical encounter between Anna Halprin and Fritz Perls, exploring the outcomes of this dialogue between contemporary modern dance and Gestalt therapy. The research is characterized as a

phenomenologically-based theoretical-reflexive essay, grounded in historical-documentary analysis. The corpus of analysis comprises fundamental bibliographies of Anna Halprin and Fritz Perls, as well as biographical records and documents detailing their collaboration in California. This cartographic exercise, which prioritized the hermeneutics of primary and secondary sources to seek the meanings of the encounters at the Esalen Institute and the Kentfield dance deck, is grounded in phenomenology and the principles of the theory of self. It analyzes how Halprin's bodily and performative practices contributed to expanding the therapeutic horizons of Gestalt therapy. The research also highlights the aesthetic influence of Laura Perls as the approach's sensitive matrix, although indirectly present in the collaboration between Halprin and Fritz. The study demonstrates that the body, in its aesthetic and spontaneous dimension, can serve as a field for healing, creation, and subjective transformation, reinforcing the articulation between art, the clinic, and the politics of affect.

Keywords: Gestalt therapy. Contemporary dance. Anna Halprin. Fritz Perls. Body and aesthetics.

Esta pesquisa teve início a partir das reflexões desenvolvidas durante o período de isolamento social provocado pela pandemia da covid-19. Há exatamente essa época, no auge da crise sanitária, observou-se um intenso movimento de palestras e cursos em formato remoto promovidos por institutos e associações culturais por meio de suas redes sociais. Foi através de uma transmissão ao vivo no Instagram promovida pelo Instituto de Artes e Dança Cariri (IADC) — anteriormente Associação Dança Cariri

(ADC) — que se estabeleceu o contato inicial com a trajetória de Anna Halprin na dança moderna.

A experiência despertou o interesse em aprofundar o conhecimento sobre sua vida e sua obra, motivando uma investigação sobre a interface entre arte, dança e terapia. A partir daquele encontro virtual, iniciou-se o percurso investigativo que levou à descoberta do histórico diálogo entre Halprin e Fritz Perls, configurando o eixo central desta análise.

A presente pesquisa nasceu do propósito de homenagear a trajetória de uma das figuras mais expressivas da dança pós-moderna experimental: Anna Halprin (1920–2021). No início da elaboração deste artigo, Halprin ainda se encontrava ativa em suas criações. No entanto, seu falecimento em 2021 tornou ainda mais urgente a preservação e a difusão de seu legado, que transformou a dança em um processo de cura e expressão existencial, atravessando as fronteiras entre arte e terapia.

Este ensaio teórico-reflexivo tem como objetivo geral investigar a interface histórica e teórica entre as práticas de Anna Halprin e os fundamentos da Gestalt-terapia de Fritz Perls. Para alcançar este objetivo, delimitou-se os seguintes objetivos específicos: (a) analisar as contribuições das práticas performativas de Halprin para a expansão da clínica gestáltica; (b) identificar a influência (ainda que indireta) da sensibilidade estética de Laura Perls nesse diálogo; e (c) discutir o "*Life/Art Process*" (Processo Arte e Vida) como ferramenta de ampliação da consciência e cura.

A trajetória de Halprin está profundamente conectada com os movimentos internos do corpo, as práticas de improvisação e a construção de experiências comunitárias e transformadoras. Ao lado de artistas como Trisha Brown, Simone Forti,

Meredith Monk, John Cage e Robert Morris, Halprin fundou o *Dancers' Workshop* em 1955, onde desenvolveu um trabalho radicalmente inovador que incorporava a consciência cinestésica e sensorial como base do movimento.

Suas mais de 150 obras coreográficas e publicações a posicionam como uma referência internacional nas práticas de dança com foco em cura, identidade e política do corpo. Dentre os encontros significativos que marcaram sua trajetória, destaca-se sua aproximação com o psiquiatra Fritz Perls, cofundador da Gestalt-terapia, com quem conduziu *workshops* na Califórnia, entre os anos 1960 e 1970.

Esses encontros revelam uma interface ainda pouco explorada entre a dança como expressão criativa e os fundamentos fenomenológicos da abordagem gestáltica. Embora sejam escassas as publicações em língua portuguesa que abordam essa intersecção, esta pesquisa visa recuperar e analisar os registros e implicações do contato entre Halprin e Perls. Toma-se como ponto de partida a hipótese de que a dança é compreendida enquanto ato fenomenológico e improvisacional oferece uma via potente para o trabalho gestáltico, especialmente na ampliação da consciência corporal, na exploração do aqui-e-agora e no contato com o irrefletido.

Este estudo propõe-se a ser, portanto, um ensaio teórico-reflexivo de base fenomenológica, fundamentado em análise histórico-documental. O corpus da pesquisa é composto por obras autobiográficas e teóricas de Anna Halprin, registros históricos sobre sua atuação artística e terapêutica, publicações acadêmicas sobre Gestalt-terapia, bem como relatos biográficos e estudos críticos acerca da obra de Fritz e Laura Perls.

A análise dos materiais foi conduzida a partir de uma leitura interpretativa,

orientada pelos princípios fenomenológicos e pela teoria do self da Gestalt-terapia, buscando compreender os sentidos emergentes da experiência corporal, estética e clínica no encontro entre dança e psicoterapia. Trata-se do resultado de um ofício cartográfico de delineamento de experiências, registros e memórias desse encontro, buscando contribuir para a reflexão sobre os atravessamentos entre arte, clínica e política, numa perspectiva que acolhe os corpos dissidentes como campo de experimentação estética e terapêutica.

A VIDA COMO ARTE: QUEM FOI ANNA HALPRIN?

Anna Halprin (1920–2021), nascida Anna Dorothy Schulman, foi uma das pioneiras da dança experimental contemporânea, com uma trajetória que redefiniu os limites entre arte, vida e cura. Formada pela Universidade de Wisconsin, iniciou seus estudos em dança sob a influência do modernismo coreográfico, mas afastou-se das técnicas convencionais ao desenvolver uma abordagem própria baseada na improvisação, no cotidiano e nas experiências internas do corpo. Ao lado do paisagista Lawrence Halprin, estabeleceu-se na Califórnia no fim da década de 1940, em um movimento considerado inusitado para a época, já que Nova York figurava como o centro da dança moderna.

Em 1955, fundou o San Francisco *Dancers' Workshop*, espaço de criação colaborativa e de práticas que uniam dança, performance, ecologia e participação comunitária (Ross, 2007). Halprin trabalhou com artistas influentes como John Cage, Trisha Brown, Simone Forti e Yvonne Rainer, consolidando uma linguagem artística que priorizava a expressividade espontânea e o engajamento social. Suas obras icônicas,

como *Parades and Changes* (1965) — que enfrentou censura por incluir nudez em performance — e *Ceremony of Us* (1969), que reunia dançarinos negros e brancos em tempos de segregação racial nos Estados Unidos, atestam o caráter político e sensível de sua arte (Halprin, 1995).

Seu trabalho, marcado por uma estética relacional e por práticas somáticas, passou a incorporar dimensões terapêuticas, especialmente após seu enfrentamento com o câncer nos anos 1970. A partir dessa vivência, Halprin explorou a dança como um meio de cura e autoconhecimento, criando oficinas com pacientes de AIDS, câncer e idosos, ampliando a função social e clínica da arte do movimento (Halprin, 2000). Em parceria com sua filha, Daria Halprin, fundou o Instituto Tamalpa em 1978, onde desenvolveu métodos de educação somática baseados em imagens, movimentos e narrativas corporais. Como destacam Wittmann et al. (2015), Halprin buscava promover uma dança acessível, onde cada indivíduo pudesse reencontrar-se em sua potência expressiva por meio da escuta do corpo. A aproximação com Fritz Perls ocorreu durante sua atuação na Califórnia, especialmente nos encontros promovidos no deck de dança em Kentfield, que passou a receber terapeutas, artistas e estudiosos da psicologia humanista. A parceria com Perls representou um marco na integração entre arte e psicoterapia, sendo considerada por Ross (2007) como uma das experiências mais radicais de hibridação entre práticas clínicas e performativas da época.

O ENCONTRO EM SAN FRANCISCO: A FAMÍLIA HALPRIN E A GESTALT-TERAPIA

O contato entre Anna Halprin e Fritz Perls ocorreu na década de 1960, durante os anos de efervescência cultural na Califórnia, mais especificamente nos encontros realizados no Instituto Esalen, em Big Sur, e no deck de dança da residência de Halprin

em Kentfield. O ambiente informal, colaborativo e voltado à experimentação estética e psicológica foi terreno fértil para a confluência entre arte e terapia.

Na época em que Fritz Perls iniciou sua colaboração com Anna Halprin, ele ainda era formalmente casado com Laura Perls, embora o casal já estivesse separado afetivamente e vivendo em cidades diferentes. Enquanto Laura permaneceu em Nova York, aprofundando os fundamentos teóricos da Gestalt-terapia, Fritz passou a residir na Califórnia, onde se envolveu com experiências comunitárias, performáticas e menos convencionais no Instituto Esalen (Clarkson, 1989). Fritz Perls (1893–1970), psiquiatra alemão de origem judaica e um dos fundadores da Gestalt-terapia, já atuava em Esalen quando foi convidado por Halprin para participar de workshops com seus dançarinos. Essa colaboração aproximou a Gestalt-terapia de uma dimensão performática, abrindo espaço para práticas que privilegiavam o corpo e a improvisação como intervenção terapêutica (Ross, 2007).

Os encontros ocorriam de forma fluida e não hierárquica: Perls acompanhava os ensaios, sugeria intervenções dramatúrgicas e encorajava a expressão emocional espontânea. Halprin (citada por Peñarrubia, 2004) relata que Perls utilizava os ensaios como plataforma para exercícios de percepção e dramatização do "aqui-e-agora", sem o intuito explícito de conduzir processos terapêuticos, mas sim de favorecer a ampliação da consciência e do contato consigo e com o outro. Essa aproximação reverberou profundamente na trajetória de Halprin e, posteriormente, em sua filha Daria, que viria a estudar Gestalt-terapia com Perls por mais de oito anos. A vivência com Perls consolidou-se como um marco na formação da abordagem somático-expressiva que Anna e Daria desenvolveram no Instituto Tamalpa.

A relação entre os dois também evidenciava tensões. Algumas figuras contemporâneas relataram desconforto com os rumos terapêuticos que Halprin passou a tomar. Trisha Brown (conforme citado em entrevista a Ross, 2007) compartilhou que sua experiência em um dos encontros foi uma das mais dolorosas de sua vida. Apesar disso, reconhecia o impacto da fusão entre performance, corpo e psicologia, mesmo discordando da estética ou da condução dos encontros. Ao se aproximar da Gestalt-terapia, Halprin encontrou um caminho possível para integrar arte, cura e experiência subjetiva. Seus relatos sobre Fritz revelam um homem excêntrico, provocador e profundamente crítico. Segundo ela, Perls mantinha uma postura irônica diante da autoridade acadêmica, buscava a autenticidade e não temia romper com normas ou convenções sociais (Halprin citada por Ross, 2007). Em um dos relatos mais emblemáticos, Halprin conta que realizou uma performance nua diante de Perls como forma de provocar e expressar um impasse criativo. A cena revela o quanto a relação entre ambos era atravessada por ousadia, intensidade emocional e confiança no corpo como meio de expressão genuína (Ross, 2007).

Embora não haja registros documentais de um encontro direto entre Anna Halprin e Laura Perls, é possível inferir que a sensibilidade estética e corporal presente na Gestalt-terapia, especialmente na ênfase sobre a criatividade e o aqui-e-agora, foi profundamente influenciada pelas contribuições de Laura. Como musicista, filósofa e estudiosa da fenomenologia, Laura Perls defendia a importância da arte, da dança e da música como vias legítimas de acesso à experiência sensível (Francisco, 2012). Sua visão do corpo como campo de significação e presença contribuiu decisivamente para que a Gestalt-terapia não fosse apenas uma abordagem verbal, mas também estética e

experiential.

Nesse sentido, o encontro entre Halprin e Fritz Perls pode ser lido como uma reverberação indireta da presença conceitual de Laura na abordagem gestáltica, especialmente em práticas que envolvem improvisação, corporalidade e criação simbólica (Francisco, 2012). Fritz faleceu em 1970 e seu desejo era que Halprin conduzisse uma dança em sua homenagem. Bob Shapiro relata que, em seu velório, cerca de 1.500 pessoas participaram de uma cerimônia onde Anna conduziu uma performance ritualística com velas, que incluiu o público na chamada “dança de Deus”, evocando espiritualidade e celebração da vida (Ross, 2007).

PERFORMANCE ARTE/VIDA: IMPROVISACÃO, CONTATO E DESVIO

A partir de suas experiências com a Gestalt-terapia e a dança, Halprin desenvolveu um estilo único de trabalho que funde estética, corpo e presença. Sua prática fundamentava-se na improvisação como ferramenta para acessar o inconsciente corporal e expressar conteúdos emocionais não verbalizáveis. Inspirada na fenomenologia, entendia a experiência como campo intersubjetivo, em constante abertura e movimento.

O improviso, nesse sentido, é o que emerge no presente, em contato com a alteridade e o ambiente. Halprin compreendia que a expressão não podia ser forçada — o corpo precisa estar disponível para que o movimento surja como uma Gestalt, isto é, como figura que se destaca do fundo da experiência (Brinkmann, 1990). Esse modo de trabalhar ressoava diretamente nos fundamentos da Gestalt-terapia. Como aponta Goodman (1977), o self não é uma entidade fixa, mas um processo emergente,

configurado a partir da relação organismo/meio.

O desvio, nesse contexto, torna-se uma possibilidade clínica: mover-se para fora do esperado, acolher o inusitado e reconhecer o que está oculto. A dança torna-se, assim, um canal para explorar o irrefletido — aquilo que ainda não encontrou forma, mas que pulsa no corpo. Práticas como o Contato Improvisação são reforçadas por investigações teóricas de Schmid (2017) e Smith (2003) ao definirem a técnica como uma prática de escuta, presença e construção conjunta, sem coreografias pré-definidas.

Para Halprin, era fundamental que o movimento fosse autêntico, nascido da escuta interna, sem obediência a padrões externos. Ao dançar sua experiência com o câncer, Halprin expôs um corpo vulnerável, mas também potente, afirmando a possibilidade de cura pela expressão. Sua proposta de performance não buscava o espetáculo, mas a partilha de um processo, transformando a cena em campo de cura coletiva.

Anna Halprin desenvolveu uma técnica inovadora de movimento expressivo baseada no que ela denominou de “*Life/Art Process*” (Processo Vida/Arte). Essa metodologia compreende a vida como matéria-prima para a criação artística e terapêutica, estabelecendo uma ponte entre o cotidiano e a arte. Em sua prática, elementos como o desenho, o movimento, a voz e a escrita são integrados de forma improvisada, numa abordagem somática que busca reativar a consciência corporal e promover transformações *psychoemocionais*.

O corpo é compreendido como portador de histórias, emoções e imagens simbólicas, sendo convidado a dançar aquilo que ainda não tem palavra, mas pulsa na

experiência vivida (Halprin, 1995). Sua proposta de trabalho é fundamentada em três eixos principais: a escuta profunda do corpo, a improvisação estruturada e a ritualização da experiência.

A escuta envolve estar presente ao que o corpo revela no aqui-e-agora; a improvisação permite que o gesto emergja sem controle prévio, como forma de acessar conteúdos inconscientes; e a ritualização dá contorno simbólico à experiência, transformando-a em narrativa coletiva ou pessoal. Essa abordagem é amplamente utilizada no Instituto Tamalpa, fundado por Anna e sua filha Daria Halprin, e vem sendo reconhecida como um importante instrumento terapêutico e pedagógico na arte do movimento (Halprin, 2000; Wittmann et al., 2015).

Outro componente essencial da metodologia de Halprin é o Ciclo RSVP — acrônimo de *Resources* (Recursos), *Score* (Partitura), *Valuaction* (Avaliação - 'Avaliação') e *Performance* (Kaplan, 2004). Esse ciclo propõe uma estrutura flexível para a criação coletiva e individual, permitindo que os participantes reconheçam seus recursos disponíveis (emocionais, físicos, materiais ou simbólicos), elaborem partituras abertas de ação, reavaliem os processos em curso e, por fim, se expressem em forma de performance (Halprin, 1995). O termo “*Valuaction*”, uma combinação das palavras “valor” e “ação”, propõe uma avaliação afetiva e crítica do percurso vivido, considerando os efeitos subjetivos e coletivos do processo. Para Halprin, esse ciclo permite transitar entre arte e vida de modo consciente, mantendo a criação enraizada na experiência presente e respeitando a ecologia do corpo e do grupo (Halprin, 2000).

PARA NÃO CONCLUIR: UMA BREVE PAUSA INCONCLUSIVA

A obra de Anna Halprin, articulada à Gestalt-terapia por meio de seu encontro

com Fritz Perls, revela uma potente interlocução entre arte e clínica. Ao incorporar princípios da Gestalt-terapia à dança, Halprin transformou o corpo em um território de escuta, expressão e cura. Sua proposta de improvisação performativa não se limita ao campo artístico, mas expande-se como método terapêutico e pedagógico.

Percebe-se, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, uma autorização do lugar do psicoterapeuta para atentar-se à escuta do corpo e dos movimentos como reguladores emocionais deste processo chamado vida. A ênfase no presente, na autenticidade e na escuta do corpo aproxima-se dos fundamentos fenomenológicos da abordagem gestáltica, reafirmando o valor da experiência como centro da existência. A performance torna-se aqui um campo de experimentação do self, onde as fronteiras entre sujeito e mundo se dissolvem na vivência estética e terapêutica.

A vida e a arte, a obra e a autoria, nesse processo, fundem-se, constituindo um movimento ético e político de afirmação da subjetividade. Ao revisitar esse encontro histórico entre Halprin e Perls, esta pesquisa convida a refletir sobre ampliar as possibilidades de criação de práticas clínicas mais sensíveis, abertas e corporificadas, em sintonia com os desafios éticos da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- Brinkmann, K. (1990). *A dimensão corporal da experiência*. Summus.
- Clarkson, P. (1989). *Frederick Perls: A biography*. Sage Publications.
- Francisco, M. A. (2012). Laura Perls e a música na construção da Gestalt-terapia. *Revista Gestalt*, 15(1), 89–104.
- Goodman, P. (1977). A teoria do self. In F. Perls, R. Hefferline, & P. Goodman,

- Gestalt-terapia: Excitação e crescimento da personalidade humana*. Summus.
- Halprin, A. (1995). *Moving toward life: Five decades of transformational dance* (R. Kaplan, Ed.). Wesleyan University Press.
- Halprin, A. (2000). *Returning to health with dance movement and imagery*. LifeRhythm.
- Kaplan, R. (2004). Anna Halprin's RSVP Cycles and the Life/Art Process. In *Dance/Movement therapists in action: A working guide to research options* (pp. 227–242). Charles C. Thomas.
- Peñarrubia, M. (2004). *Gestalt: Terapia do contato*. Summus.
- Ross, J. (2007). *Anna Halprin: Experience as dance*. University of California Press.
- Schmid, K. (2017). Improvisação e corpo em movimento. *Revista Contemporânea de Dança*, 7(2), 121–134.
- Smith, N. S. (2003). *Caught falling: The confluence of Contact Improvisation, Nancy Stark Smith, and other moving ideas*. Contact Editions.
- Wittmann, G., Schorn, U., & Land, R. (2015). *Anna Halprin: Dance, process, form*. Jessica Kingsley Publishers.

Jose Ricardo de Sousa Santana

Correspondência: rickiesant1@gmail.com